

LETRAMENTO E A PRODUÇÃO DE SUJEITOS: ESTRATÉGIAS CULTURAIS E PEDAGÓGICAS NA ALFABETIZAÇÃO ESCOLAR¹

LITERACY AND THE PRODUCTION OF SUBJECTS:
CULTURAL AND PEDAGOGICAL STRATEGIES IN SCHOOL LITERACY

Ozenilde Santos do Nascimento

Universidade de Brasília
ozenilde.sc@gmail.com

RESUMO

Este artigo apresenta os resultados de um estudo sobre alfabetização em uma escola pública dos anos iniciais no Distrito Federal. Para tanto, investiga como a formação docente contribui para o conhecimento sobre os diversos letramentos e sua relação com as vivências socioculturais dos estudantes. A pesquisa qualitativa utiliza a Análise de Conteúdo de Bardin (2011), dialogando com os conceitos de prática pedagógica e letramento propostos por Soares (2012, 2022, 2023), Mortatti (2004, 2019), Rojo (2009), Kleiman (2008) e Street (1984, 2014). Os resultados evidenciam que práticas pedagógicas centradas nos diversos letramentos podem transformar a educação básica, promovendo inclusão e equidade no processo de alfabetização.

Palavras-chave: Alfabetização. Formação docente. Prática pedagógica. Letramento. Educação básica.

ABSTRACT

This article presents the results of a study on literacy in an early year's public school in the Federal District. To this end, it investigates how teacher training contributes to knowledge about different literacies and their relationship with students' sociocultural experiences. The qualitative research uses Bardin's Content Analysis (2011), dialoguing with the concepts of pedagogical practice and literacy proposed by Soares (2012, 2022, 2023), Mortatti (2004, 2019), Rojo (2009), Kleiman (2008) and Street (1984, 2014). The results show that pedagogical practices focused on different literacies can transform basic education, promoting inclusion and equity in the literacy process.

Keywords: Literacy. Teacher education. Pedagogical practice. Literacy studies. Basic education.

¹ Este artigo é um recorte da dissertação de mestrado. A pesquisa foi realizada no âmbito do Mestrado Profissional em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB). O trabalho, concluído em 2024, vinculado ao PPGEMP da Universidade de Brasília.

1. INTRODUÇÃO

Com as transformações sociais, políticas e educacionais ocorridas durante os anos 1980, os estudos sobre letramento chegaram ao Brasil, derivados do termo em inglês *literacy*, que significa “o estado ou condição de quem aprende a ler e escrever” (Soares, 2017, p. 17). Assim, o conceito começou a ser incorporado na educação brasileira sob diversas perspectivas.

A alfabetização e o letramento, especialmente sob a ótica dos diversos letramentos e dos Novos Estudos do Letramento (NEL), destacam-se como temas centrais no cenário educacional contemporâneo. Esses conceitos, embora complementares e distintos, estruturam-se em torno de práticas que transcendem o domínio técnico da leitura e escrita, abrangendo dimensões socioculturais, tecnológicas e identitárias. Segundo Tfouni (2002), “o termo letramento não tem um sentido único, nem descreve um fenômeno simples e uniforme” (Tfouni, 2002, p. 23). Dessa forma, é essencial reconhecer o caráter social e plural do letramento, que ocorre tanto no contexto escolar quanto em diversos espaços da sociedade. Sob essa perspectiva, emergem múltiplos tipos de letramentos praticados por diferentes grupos sociais, reforçando que o letramento não é fixo, mas dinâmico e em constante evolução (Street, 1984, p. 25).

Enquanto a alfabetização tradicional se concentra nas habilidades básicas de decodificação, os letramentos, conforme aponta Soares (2023), privilegiam as práticas sociais que envolvem o uso significativo da língua em diferentes contextos. Os NEL expandem essa visão ao contrastar o letramento “autônomo”, que impõe concepções particulares e dominantes de letramento a classes sociais, grupos e culturas, com o letramento “ideológico”, que desenvolve uma sensibilidade cultural para reconhecer práticas de letramento. Essa abordagem considera as variações entre diferentes contextos e responde às demandas de uma sociedade plural e em constante transformação (Street, 2014, p. 125).

No contexto da educação básica, particularmente no ciclo de alfabetização, essas teorias ganham relevância ao destacar a escola como um espaço de mediação entre culturas e práticas pedagógicas. Rojo (2009) argumenta que, embora seja comum afirmar a existência de altos índices de analfabetismo, não se pode concluir que esses indivíduos sejam totalmente “iletrados”. Mesmo sem dominar a leitura e a escrita alfabética, muitos participam de práticas sociais que envolvem leitura e escrita, interagindo com os gêneros textuais que circulam em suas comunidades. Essas experiências, mediadas por pessoas presentes em seu contexto de vida, permitem o desenvolvimento de conhecimentos diversos relacionados a essas práticas (Rojo, 2009).

Ainda nessa perspectiva, Street (2014) destaca que os estudos culturais, ao analisar as interseções entre poder, identidade e educação, reforçam a importância de práticas que reconheçam e valorizem as experiências e os saberes dos estudantes. Nesse contexto, os letramentos devem emergir das dinâmicas culturais locais e ser compreendidos como expressões de resistência e afirmação identitária. A inclusão desses letramentos no currículo escolar não apenas promove a inclusão, mas também contribui para a formação de sujeitos críticos e reflexivos, capazes de interpretar e transformar suas realidades socioculturais.

Além disso, essa integração requer a formação continuada dos professores alfabetizadores, que precisam adaptar suas práticas pedagógicas para atender às novas demandas curriculares, sem desconsiderar as desigualdades sociais que ainda restringem o acesso à educação.

Este artigo analisou os conhecimentos dos professores alfabetizadores sobre os diversos letra-

mentos e examinou como esses saberes são incorporados ao processo de alfabetização infantil, destacando as práticas pedagógicas e as estratégias de integração dos Novos Estudos do Letramento. Para tanto, propôs:

- i. Investigar o entendimento dos professores alfabetizadores sobre os diferentes tipos de letramentos e sua importância para a formação integral dos estudantes.
- ii. Identificar as estratégias pedagógicas utilizadas pelos professores para integrar os diversos letramentos no ensino da leitura e escrita.
- iii. Avaliar como as práticas de letramentos são refletidas na formação inicial e continuada dos professores alfabetizadores, com foco na prática docente.

Por meio da abordagem qualitativa e fundamentada na Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2011), o estudo investigou como as práticas socioculturais e os diversos letramentos podem ser integrados ao planejamento e à execução de estratégias didáticas.

Assim, este trabalho contribui para o debate sobre as interações entre cultura, currículo e pedagogia, oferecendo subsídios para a construção de práticas alfabetizadoras mais democráticas e culturalmente fundamentadas, como será exposto nas seções seguintes.

2. PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E OS DIVERSOS LETRAMENTOS NA PERSPECTIVA SOCIOCULTURAL

2.1 O surgimento dos Novos Estudos do Letramento (NEL)

O conceito de letramento, segundo Soares (2023), ultrapassa a alfabetização funcional, abrangendo práticas de leitura e escrita que devem ser culturalmente significativas e relevantes para a sociedade. Nascimento (2024) compartilha dessa visão, reconhecendo que alfabetização e letramento são processos indissociáveis na práxis pedagógica dos professores, especialmente durante a fase de alfabetização, como afirma a autora. A autora enfatiza ainda, que a alfabetização deve envolver mais do que o domínio mecânico do sistema de escrita alfabética, incorporando práticas sociais que refletem a realidade dos estudantes.

Os diversos letramentos, entendidos como práticas sociais que envolvem leitura e escrita em múltiplos contextos, são essenciais no debate educacional contemporâneo, pois estão intrinsecamente relacionados à formação de sujeitos capazes de agir de maneira crítica em uma sociedade plural. Segundo a perspectiva dos NEL, essas práticas vão além da dimensão puramente técnica da alfabetização, englobando aspectos socioculturais, identitários e tecnológicos (Kleiman, 2008).

Sob essa ótica, o surgimento dos NEL destaca que diversas práticas de letramento continuam sendo marginalizadas no contexto escolar. Assim, é fundamental compreender que a escola é composta por múltiplas culturas, com as quais ainda enfrenta desafios para estabelecer um diálogo efetivo. Apesar disso, persiste a valorização excessiva de uma cultura eurocêntrica, que historicamente marginaliza a população negra, indígena e as mulheres, consolidando-a como dominante na história da educação pública brasileira (Mendes, 2021).

Nesse contexto, emergem os NEL, que destacam a diversidade das práticas sociais de leitura e escrita em sociedades letradas. Esses multiletramentos representam as habilidades essenciais para a sociedade contemporânea, capacitando os estudantes a navegar por diferentes espaços e contextos em um mundo globalizado. Nesse sentido, Street (2003) considera que:

[...] o reconhecimento dos múltiplos letramentos, que variam no tempo e no espaço, mas que são também contestados nas relações de poder. Assim, os NLS não pressupõem coisa alguma como garantida em relação aos letramentos e às práticas sociais com que se associam, problematizando aquilo que conta como letramento em qualquer tempo-espaço e interrogando-se sobre 'quais letramentos' são dominantes e quais são marginalizados ou de resistência (Street, 2003, p. 77).

Os letramentos, em sua pluralidade, abrangem tanto os dominantes quanto os vernaculares. Os letramentos vernaculares, conforme Hamilton (2002, p. 4) “não são regulados, controlados ou sistematizados por instituições ou organizações sociais, mas têm sua origem na vida cotidiana, nas culturas locais”. Embora frequentemente marginalizados pela cultura oficial, esses letramentos representam práticas de resistência e devem ser integrados aos letramentos dominantes, em vez de serem tratados como categorias isoladas.

Os letramentos dominantes, por sua vez, estão vinculados a instituições formais, como escolas, locais de trabalho, igrejas e outras organizações regidas por normas e leis específicas. Esses letramentos são legitimados por agentes sociais, como professores, juizes, autores de livros didáticos e líderes religiosos, que detêm reconhecimento cultural e legal em suas áreas de atuação (Hamilton, 2002; Rojo, 2009).

Entretanto, Rojo (2009) também destaca a urgência de repensar os letramentos dominantes, especialmente no ambiente escolar, diante das transformações globais e do impacto das tecnologias digitais. Nesse contexto, o letramento não pode se restringir apenas ao texto verbal escrito, mas deve abranger múltiplas linguagens, como imagens, sons, vídeos e outros modos de comunicação.

É igualmente importante reconhecer o caráter ideológico presente nos processos de letramento, que define e controla as convenções sociais internalizadas pelos indivíduos. Esse caráter torna-se evidente quando confrontado por movimentos de resistência, como o feminismo, que, “ao resistirem às convenções dominantes de fala e escrita, atuam para torná-las explícitas como um passo na direção de transformá-las” (Street, 2014, p. 147).

Diante disso, é essencial promover uma valorização efetiva dos múltiplos letramentos, utilizando-os como ferramentas para fortalecer identidades individuais e coletivas diante das ideologias dominantes. A escola desempenha um papel central nesse processo, sendo responsável pela formação de cidadãos críticos, democráticos e participativos. Para atingir esse objetivo, é fundamental incorporar diferentes letramentos na prática pedagógica, atendendo às exigências de um mundo plural e dinâmico.

Sob a perspectiva dos Estudos Culturais, o debate sobre os letramentos ganha maior densidade ao incorporar reflexões sobre poder, identidade e cultura. Os letramentos, nesse contexto, são compreendidos como práticas profundamente entrelaçadas com as relações de poder e com a construção de subjetividades. Conforme apontam Giroux (1997) e Street (2014), a educação não pode ser vista apenas como transmissão de conteúdos, mas como um espaço de resistência e produção cultural. Nesse sentido, os letramentos vernaculares ganham destaque como instrumentos de afirmação identitária, capazes de desafiar as estruturas hegemônicas que, muitas vezes, excluem ou marginalizam determinados grupos sociais.

A relação entre cultura e educação, sob a ótica dos Estudos Culturais, destaca também a necessidade de repensar as práticas pedagógicas, para que se tornem mais inclusivas e dialógicas. Ao considerar os diversos letramentos como expressões culturais dinâmicas e contextuais, os educadores são desafiados a criar espaços de aprendizagem que respeitem e integrem as experiências e os saberes locais dos estudantes. Isso implica, por exemplo, reconhecer que as práticas de leitura e escrita em comunidades rurais, periurbanas ou urbanas possuem valores e significados próprios, os quais podem enriquecer o processo educativo.

Para Nascimento (2024), esses letramentos representam não apenas formas de resistência, mas também oportunidades para transformar o processo educativo, promovendo uma educação inclusiva que se articula com as vivências socioculturais dos estudantes. Assim, o NEL propõe que essas práticas vernaculares sejam integradas aos letramentos dominantes, criando um ambiente educacional que reconheça e valorize a diversidade.

Nesse prisma, a análise dos diversos letramentos na interface entre cultura e educação, especialmente sob a perspectiva do NEL, permite compreender que as práticas letradas são sempre marcadas por fatores históricos, sociais e políticos. Assim, a formação docente e a organização curricular devem considerar essa complexidade, promovendo uma educação mais democrática e culturalmente responsiva.

2.2 A escola como espaço de mediação cultural

A escola desempenha um papel fundamental como mediadora entre os diferentes letramentos. Conforme Mortatti (2004, 2019), ela não deve se limitar a alfabetizar no sentido técnico, mas oferecer um espaço para o desenvolvimento de aprendizagens que possibilitem a participação ativa dos estudantes em eventos letrados de suas comunidades. Ao articular os letramentos dominantes e vernaculares, a escola cria condições para a formação de sujeitos capazes de interpretar criticamente suas realidades e atuar de maneira transformadora.

Sob esse olhar, Nascimento (2024) defende que o sucesso da alfabetização que considera os diversos letramentos está diretamente relacionado à capacidade do professor alfabetizador de mobilizar saberes construídos ao longo de sua trajetória pessoal e profissional. Essa mobilização, segundo a autora, ocorre por meio de práticas que integram conhecimentos disciplinares, curriculares, experienciais e culturais, como afirma Tardif (2014).

Essa perspectiva é ampliada por Soares (2012), que ressalta a importância de considerar as demandas do mundo contemporâneo, caracterizado por rápidas transformações tecnológicas e pela diversidade cultural. A integração dos diversos letramentos ao currículo escolar permite que os estudantes desenvolvam habilidades não apenas funcionais, mas também criativas e críticas, alinhadas às práticas sociais mais amplas. Nascimento (2024) acrescenta que o reconhecimento das práticas vernaculares na sala de aula não apenas valida os saberes dos estudantes, mas também fortalece a conexão entre a escola e as culturas locais.

Além disso, o papel da escola como espaço de mediação cultural também exige o uso de metodologias que promovam o diálogo entre os diferentes modos de aprender. Rojo (2009) destaca que, ao incorporar multiletramentos no ambiente escolar, os professores podem valorizar linguagens multimodais e práticas culturais diversas, rompendo com a perspectiva eurocêntrica e homogênea. Dessa forma, os estudantes têm a oportunidade de compreender e valorizar suas próprias vivências, ao mesmo tempo em que ampliam sua capacidade de participar de outros contextos socioculturais.

Outro aspecto essencial nesse processo é o envolvimento da comunidade escolar nas práticas pedagógicas. Como enfatiza Mendes (2021), a escola deve reconhecer que as culturas locais e suas múltiplas formas de expressão são fundamentais para uma educação mais inclusiva. Dessa maneira, integrar os saberes da comunidade ao currículo não apenas enriquece a experiência escolar, mas também permite que os estudantes se sintam valorizados e motivados a participar ativamente das aprendizagens.

Ademais, a escola, enquanto espaço de mediação cultural, desempenha um papel basilar na articulação dos diversos letramentos, possibilitando a formação de cidadãos críticos e atuantes. Ao valorizar tanto os letramentos dominantes quanto os vernaculares, a escola promove a inclusão, o respeito às diversidades culturais e contribui para a construção de uma sociedade mais equitativa.

Para isso, é imprescindível investir em práticas pedagógicas que reconheçam as demandas do mundo contemporâneo e fortaleçam a relação entre a escola e a comunidade, preparando os estudantes para enfrentar os desafios do presente e contribuir para a construção do futuro.

2.3 Formação continuada e práxis pedagógica

Para que os professores alfabetizadores integrem os diversos letramentos à sua prática, a formação continuada é essencial. A formação docente ao longo do tempo tem demonstrado que “a precariedade das políticas formativas, [...] não lograram estabelecer um padrão minimamente consistente de preparação docente para fazer face aos problemas enfrentados pela educação escolar em nosso país” (Saviani, 2009, p. 148).

Nesse sentido, o NEL exige que os educadores articulem teoria e prática, desenvolvendo abordagens que promovam a interação entre sujeitos, culturas e tecnologias. Segundo Nascimento (2024), a formação docente deve estar centrada na práxis, entendida como a reflexão crítica sobre a prática pedagógica, com o objetivo de promover mudanças significativas no processo de ensino e aprendizagem.

Para tanto, a formação continuada deve fornecer subsídios para que os professores compreendam e implementem práticas que articulem o currículo às realidades socioculturais dos estudantes. Como destacam Kleiman (2008) e Rojo (2009), essa articulação é essencial para transformar a sala de aula em um espaço de construção coletiva de saberes, no qual os diversos letramentos sejam reconhecidos e valorizados. Nascimento (2024) reforça que os professores alfabetizadores precisam estar preparados para incorporar os princípios do NEL em suas práticas diárias, articulando teoria e prática de forma coerente e eficaz. Para Freire (1996):

[...] nenhuma formação docente verdadeira pode fazer-se alheada, de um lado, do exercício da criticidade, que implica a promoção da curiosidade epistemológica, e de outro, sem o reconhecimento do valor das emoções, da sensibilidade, da afetividade, da intuição ou adivinhação (Freire, 1996, p. 51).

Além disso, Kleiman (2008) ressalta que a formação continuada deve fornecer subsídios que permitam ao professor reconhecer e valorizar os diversos letramentos como elementos fundamentais na construção de uma educação inclusiva e equitativa. Nascimento (2024) acrescenta que práticas colaborativas, como o compartilhamento de experiências entre professores, desempenham um papel de destaque no processo de formação docente, possibilitando a construção coletiva de saberes. A autora observa que, ao promover esses espaços de troca, os educadores têm a oportunidade de integrar os estudos sobre letramentos às suas práticas pedagógicas, fortalecendo a conexão entre o currículo escolar e as realidades socioculturais dos estudantes.

No entanto, para que essa integração seja efetiva, é fundamental que a formação docente inclua metodologias ativas, que posicionem os professores como protagonistas de sua aprendizagem. Mendes (2021) destaca que práticas como oficinas pedagógicas, análise de casos reais e desenvol-

vimento de projetos colaborativos ampliam a capacidade reflexiva dos educadores, promovendo um olhar mais atento às especificidades dos contextos em que estão inseridos. Dessa forma, a formação continuada pode se consolidar como um espaço de diálogo e transformação, aproximando as práticas escolares das demandas contemporâneas.

Outro aspecto a ser considerado é o reconhecimento das tecnologias digitais como ferramentas essenciais para a mediação dos diversos letramentos. Rojo (2009) destaca que a formação docente deve explorar as potencialidades das mídias digitais para fomentar a criatividade e a criticidade dos estudantes. Assim, os professores podem utilizar essas ferramentas para conectar os multiletramentos às práticas escolares, permitindo que os estudantes transitem por diferentes contextos socioculturais de maneira mais consciente e significativa.

Em suma, a formação continuada é um elemento indispensável para que os professores alfabetizadores integrem os diversos letramentos ao processo pedagógico. Como destaca Morais (2012, p. 32), é necessário “encarmos com mais rigor e cuidado a formação continuada de nossos alfabetizadores, além de lutar para consolidar o direito à formação como fato contínuo e sistemático”. Ao articular teoria e prática, valorizar a colaboração entre educadores e incorporar as tecnologias digitais, a formação docente promove mudanças significativas na sala de aula, transformando-a em um espaço de aprendizagem multifacetado. Nesse mesmo enfoque, Libâneo e Pimenta (1999) explicam que:

Reformas gestadas nas instituições, sem tomar os professores como parceiros/autores, não transformam a escola na direção da qualidade social. Em consequência, valorizar o trabalho docente significa dotar os professores de perspectivas de análise que os ajudem a compreender os contextos históricos, sociais, culturais, organizacionais nos quais se dá sua atividade docente (Libâneo; Pimenta, 1999, p. 261).

Esse movimento é essencial para que a escola cumpra seu papel como mediadora cultural, formando cidadãos críticos, reflexivos e preparados para enfrentar os desafios da sociedade contemporânea.

3. METODOLOGIA

3.1 Método de pesquisa

Uma pesquisa de natureza qualitativa foi conduzida com base em um estudo de caso realizado em uma escola pública do Distrito Federal, inserida no contexto do Bloco Inicial de Alfabetização (BIA). Essa abordagem foi escolhida por possibilitar a análise dos conhecimentos dos professores alfabetizadores sobre os diversos letramentos e sua aplicação no processo de alfabetização infantil, com destaque para as práticas pedagógicas e estratégias de integração dos Novos Estudos dos Letramentos. Como fundamentação metodológica, seguiu-se o percurso descrito por Bardin (2011) para a Análise de Conteúdo, que permitiu interpretar as práticas sociais e culturais mobilizadas pelos professores alfabetizadores no cotidiano escolar.

Os dados do estudo foram coletados por meio de três instrumentos principais:

Grupo focal: Realizado com professores alfabetizadores para identificar as práticas relacionadas aos diversos letramentos e compreender como os NEL são integrados à práxis pedagógica.

Questionários semiestruturados: Aplicados aos professores, buscando mapear suas percepções sobre os desafios e as possibilidades dos diversos letramentos em suas práticas.

Observação em sala de aula: Realizada com base em um roteiro estruturado para registrar as estratégias utilizadas pelos professores no desenvolvimento de práticas letradas que consideram tanto os aspectos dominantes quanto os vernaculares.

A Análise de Conteúdo foi conduzida em três etapas detalhadas, conforme descrito por Bardin (2011), cada uma com uma função essencial para a compreensão dos dados coletados. A primeira etapa, chamada de Pré-Análise, consistiu em uma leitura inicial dos dados, com o objetivo de identificar os temas emergentes que orientariam o desenvolvimento da análise. Nesse momento, buscou-se uma visão geral do material, destacando as questões mais relevantes para a exploração subsequente.

A segunda etapa foi a Exploração do Material, durante a qual os dados foram organizados e categorizados em torno de eixos temáticos centrais, como as práticas de letramento dominantes, os letramentos vernáculos e a formação docente. Essa fase possibilitou um exame mais pormenorizado do conteúdo, agrupando as informações de maneira sistemática para facilitar a identificação de relações e padrões presentes nos dados.

Por fim, a terceira etapa, denominada Tratamento e Interpretação, concentrou-se na construção de análises fundamentadas no referencial teórico adotado, destacando as interações entre as práticas pedagógicas observadas e os princípios do NEL. Ao longo de todo o processo, essas etapas asseguraram uma análise rigorosa, possibilitando um exame das dinâmicas de letramento e da formação docente no contexto investigado.

O estudo contou com a participação de 14 professores alfabetizadores atuantes no BIA da escola pesquisada. Esses docentes foram selecionados com base em sua experiência e atuação na alfabetização, bem como em seu envolvimento em práticas relacionadas aos diversos letramentos, garantindo um cenário representativo das estratégias pedagógicas no contexto investigado.

3.2 Análise de dados

A análise dos dados revelou que os professores alfabetizadores reconhecem a importância de integrar os diversos letramentos às suas práticas pedagógicas. Durante os grupos focais, emergiram relatos que evidenciaram a dificuldade em articular os letramentos dominantes, exigidos pelo currículo oficial, com os letramentos vernáculos, originados nas vivências culturais dos estudantes. Como apontado por Nascimento (2024), essa articulação é um desafio constante, mas essencial para promover uma alfabetização mais inclusiva e equitativa.

Os dados levantados evidenciaram que as práticas de multiletramento, como o uso de narrativas orais da comunidade, têm sido progressivamente incorporadas às estratégias pedagógicas. Uma professora, por exemplo, relatou que utiliza histórias locais como ponto de partida para a leitura de textos informativos, estabelecendo uma ponte entre o contexto sociocultural dos estudantes e os objetivos propostos no currículo. Essa prática corrobora a proposta de Rojo (2009), que destaca a importância da inserção dos multiletramentos na alfabetização, ampliando as possibilidades de aprendizagem dos estudantes.

Além disso, os estudos revelaram que a formação continuada desempenha um papel fundamental na implementação do NEL. Os professores afirmaram que, embora compreendam a importância de trabalhar com os diversos letramentos, sentem-se inseguros em aplicá-los de maneira consistente devido à ausência de formação específica. Esse fato é corroborado pelas falas das professoras entrevistadas, especialmente quando questionadas sobre o que entendem por multiletramento:

(01) P8: Confesso que, desse termo, eu não consigo saber o que é especificamente o que você está querendo dizer.

(02) P12: Ouvi falar muito pouco. Parece uma nova palavra para coisas que a gente já conhece. Não sei muito sobre, porque realmente não chegou ainda a este conhecimento tão sistematizado, pelo menos não para mim.

(03) P13: Mas, assim, juntando as palavras, multiletramento, parece essa coisa que a gente já está falando, de letrar para mais. De letrar não só para letrar, mas de letrar para mais. De letrar para o mundo, que seria talvez um novo nome para a interdisciplinaridade, transdisciplinaridade, alguma coisa assim.

Dessa forma, a relevância da formação continuada é novamente evidenciada de maneira marcante. Observa-se que, em relação ao termo “multiletramento”, as respostas foram escassas, e muitas professoras demonstraram surpresa ao ouvir o conceito, revelando desconhecimento prévio, como exemplificado na fala da P12. Contudo, o conhecimento sobre multiletramento é essencial, pois engloba um conjunto de práticas sociais que envolvem leitura e escrita mediadas por tecnologias digitais, além de elementos semióticos e multimodais, aspectos cruciais para a prática alfabetizadora (Rojo, 2009).

De forma geral, esta análise reforça a importância da formação continuada como um meio indispensável para que professores alfabetizadores tenham acesso a novas temáticas do campo educacional, reelaborem conceitos e práticas e promovam uma educação mais equitativa. As dúvidas manifestadas pelas professoras ao abordar o tema não parecem decorrer de desinteresse ou falta de comprometimento com a pesquisa realizada, mas sim de uma lacuna no entendimento de conceitos como alfabetização, letramentos e multiletramento, ou ainda da ausência de estudos e orientações sobre práticas pedagógicas relacionadas a esses conceitos.

Nascimento (2024) ressalta que a formação docente deve fomentar uma reflexão crítica sobre as práticas pedagógicas, além de oferecer subsídios teóricos e práticos para que os professores integrem os letramentos de forma efetiva no processo de alfabetização das crianças.

Um dos participantes destacou: “a formação continuada tem sido essencial para que possamos compreender as demandas dos estudantes e, ao mesmo tempo, adaptar o currículo para incorporar práticas culturais e tecnológicas”. Essa afirmação reforça a necessidade de estratégias formativas que articulem teoria e prática, permitindo ao professor atuar como mediador entre o currículo oficial e as realidades culturais e sociais dos estudantes (Kleiman, 2008).

Os dados do estudo evidenciam avanços significativos na compreensão dos diversos letramentos pelos professores, mas também revelam lacunas importantes que impactam a prática pedagógica, conforme verificado nas falas das professoras:

(04) P1: Para mim o letramento é a aplicabilidade da alfabetização, né? É você interligar, é você ensinar a ler e escrever para ele compreender. Para mim isso é o letramento, é você ligar a alfabetização quando lê.

(05) P2: Leitura do mundo, compreensão do mundo.

(06) P3: Pelo menos de letramento que entendi. Não sei se é certo. Mas é o letramento de mundo. Que a criança tem, que a gente na sala vai abordar e contextualizar o quanto essa aprendizagem tem sido significativa.

(07) P5: É... os conhecimentos já adquiridos antes de vir para a escola. Conhece os assuntos, às vezes ele nunca foi para a escola, mas ele sabe, ele fala.

(08) P8: O letramento, fazer um ensino através da leitura de mundo, é a isso que se você se refere?

(09) P11: O letramento é exatamente isso, ele extrapola o mundo dos livros no campo da alfabetização, como eu falei, o meio social dele eu não vou ficar limitada a esses textos que os livros estão dando. Eu vou além vou trabalhar a função social porque quando eu trabalho os gêneros textuais eu vou perguntar pra quê esse gênero textual para alfabetizar eu pergunto qual a função social dele?

Em relação aos letramentos, as alfabetizadoras que responderam às perguntas atribuíram significados que, embora apresentem algumas semelhanças, também revelam variações significativas. As concepções expressas sobre alfabetização e letramentos evidenciam uma falta de clareza na distinção entre esses conceitos, resultando ora em uma fusão, ora em uma confusão de significados, como destacado no relato de P1. Contudo, nas práticas pedagógicas apresentadas por esses docentes e observadas em sala de aula, nota-se que os conceitos de alfabetização e letramentos se manifestam de forma integrada, concretizando-se por meio de atividades baseadas na práxis.

Nas falas das professoras P5, P8 e P11, observa-se que o entendimento sobre letramento está vinculado a uma perspectiva independente, na qual a escrita é concebida como um produto finalizado. Nesse sentido, a escrita é percebida como fixa e imutável, enquanto a leitura se restringe a um processo de decodificação do texto, guiado por uma lógica interna própria (Street, 2014). Sobre essa abordagem, Street (2014) destaca que esse modelo de letramento é singular, fundamentado em práticas tradicionais, dominantes, normativas e institucionalizadas. Ele pressupõe que os estudantes devem ser capazes de interpretar os significados indicados de maneira padronizada, atribuindo-lhes um único significado, independentemente do contexto sociocultural em que estão inseridos.

Entre os achados do estudo, destaca-se que, embora os educadores reconheçam a importância dos múltiplos letramentos, ainda enfrentam barreiras. A falta de formação sobre a temática, a ausência de materiais didáticos adaptados e a sobrecarga de tarefas administrativas são apontadas como obstáculos que dificultam a criação de espaços propícios para práticas pedagógicas que abordem o tema.

Essas limitações estruturais comprometem a capacidade dos professores de implementar abordagens diversificadas e adequadas às necessidades de seus estudantes. Para Sacristán (1995, p. 74), “o professor não é um técnico nem um improvisador, mas sim um profissional que pode utilizar o seu conhecimento e a sua experiência para se desenvolver em contextos pedagógicos preexistentes”. Para que essa vivência se concretize no cotidiano escolar, é essencial que o professor desenvolva competências tanto pedagógicas quanto culturais, capacitando-se para lidar com os diversos desafios que podem surgir no ambiente da sala de aula. Isso se torna evidente nos relatos compartilhados:

(10) P12: [...]olha, não é mais assim como era quando você estudou. As coisas mudam, a sociedade muda, os tempos pedem outros pensamentos, há estudos novos que te levam a essa conclusão, então você precisa ter acesso a esse estudo novo, que às vezes você acha que vai ser mais difícil trabalhar, mas quando você começa, nossa, facilita minha vida um tanto, a coisa que você resistia tanto quando você aprende realmente quando funciona e essa pulguinha começa a cantar ali no seu ouvido e você abre a sua cabeça para mudar, você percebe que o trabalho, na verdade, flui melhor.

(11) P 14: [...] a formação continuada, porque a gente sempre continua buscando, fazendo curso, tentando se aprovar, conhecendo, lendo o que não sabe e aí a gente vai com o tempo, a gente vai tomando o nosso norte e conseguindo acertar também o que tem na sala de aula.

No entanto, a pesquisa evidenciou a necessidade de mais recursos e formação continuada para que os professores possam explorar os conceitos e ampliar os conhecimentos a respeito deles, de forma a transformar a sala de aula em um espaço emergente para alfabetizar letrando, em uma perspectiva inclusiva e equitativa.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os diversos letramentos, sob a perspectiva dos Novos Estudos do Letramento (NEL), ampliam o papel da escola como mediadora cultural, especialmente no contexto das turmas de alfabetização em escolas públicas do Distrito Federal. Ao conectar as práticas pedagógicas aos contextos culturais e sociais dos estudantes, esses letramentos promovem uma alfabetização que vai além do domínio técnico. Eles contribuem para a formação de sujeitos críticos e reflexivos, preparados para atuar em uma sociedade diversa e em constante transformação.

Os dados desta pesquisa evidenciam que, embora os professores alfabetizadores reconheçam a relevância de integrar os letramentos dominantes e vernaculares, eles enfrentam barreiras significativas. Essas barreiras incluem desde a falta de formação específica até desafios estruturais, como a escassez de materiais e recursos adequados. No entanto, práticas como o uso de narrativas locais e de tecnologias digitais se destacam como caminhos promissores para transformar a sala de aula. Elas criam um espaço de diálogo entre cultura, tecnologia e currículo, demonstrando o potencial das estratégias pedagógicas adotadas pelos professores para integrar as dimensões culturais e sociais à alfabetização. Isso favorece práticas mais inclusivas e contextualizadas.

As práticas letradas, frequentemente desvalorizadas pelo currículo oficial, podem servir como poderosas ferramentas para fortalecer o pertencimento cultural e a autoestima dos estudantes. Conforme exposto por Rojo (2009), esses letramentos representam formas de resistência cultural que, quando reconhecidas pela escola, podem transformar as relações de ensino-aprendizagem. Isso cria um ambiente mais acolhedor e psicologicamente seguro, favorecendo não só a aprendizagem acadêmica, mas também o bem-estar emocional dos estudantes, conectando suas identidades às práticas escolares.

Nesse contexto, a formação continuada dos professores alfabetizadores se revela essencial. Como aponta Nascimento (2024), é fundamental que a formação docente ultrapasse a instrumentalização técnica e promova reflexões críticas sobre as práticas pedagógicas. Ela deve oferecer subsídios para que os educadores integrem os diversos letramentos de forma sistemática e transformadora. Além disso, é importante que essa formação inclua discussões sobre como as práticas culturais, quando reconhecidas e valorizadas, impactam positivamente a saúde mental dos estudantes, promovendo uma interação construtiva entre cultura, educação e subjetividade.

Outrossim, a pesquisa reforça a necessidade de um currículo que dialogue com as pedagogias culturais e integre os diversos letramentos como estratégia para promover tanto a aprendizagem quanto o bem-estar emocional dos estudantes. Ao reconhecer os diferentes saberes, fortalecer a formação docente e ampliar o uso das tecnologias, a escola pode se consolidar como um espaço de transformação social, onde cultura, saúde mental e educação caminham juntas na constituição de sujeitos mais críticos, reflexivos e conectados às suas realidades.

Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 5. ed. Lisboa: Edições 70, 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIROUX, H. A. **Os professores como intelectuais**: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

HAMILTON, M. Sustainable literacies and the ecology of lifelong learning. In: HARRISON, R. R. F.; HANSON, A.; CLARKE, J. (Org.). **Supporting lifelong learning**: perspectives on learning. London: Routledge/Open University Press, 2002. v. 1, p. 176-187.

KLEIMAN, Â. **Letramento e escolarização**: Dos Novos Estudos do Letramento (NEL). Campinas: Mercado de Letras, 2008.

MENDES, L. **O desafio da alfabetização sob a perspectiva do letramento em tempos de pandemia**. 2021. 213 f. Dissertação (Mestrado Profissional) – Universidade de Brasília, Brasília, 2021. Disponível em: <http://icts.unb.br/jspui/handle/10482/43279>. Acesso em: 13 jan. 2025.

MORTATTI, M. R. L. **Alfabetização no Brasil**: história e políticas. São Paulo: Contexto, 2019.

MORTATTI, M. R. L. **História dos métodos de alfabetização no Brasil**. São Paulo: UNESP, 2004.

NASCIMENTO, O. S. **Os saberes docentes que orientam a práxis pedagógica no Bloco Inicial de Alfabetização em uma escola pública do Distrito Federal**. 2024. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2024.

ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SACRISTÁN, J. G. Consciência e ação sobre a prática como libertação profissional dos professores. *In*: NÓVOA, A. (org.). **Profissão Professor**. 2. ed. Porto: Porto, 1995.

SOARES, M. **Alfalettrar**: toda criança pode aprender a ler e a escrever. 1. ed. 4ª reimp.: São Paulo: Contexto, 2022.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. 3. ed. 8ª reimp.: Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

STREET, B. Letramentos ideológicos e autônomos. *In*: SOARES, M. **Letramentos**: abordagens contemporâneas. Campinas: Mercado de Letras, 1984.

STREET, B. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

Recebido em: 16/02/2025

Aceito em: 10/02/2026